



## **Reflexões sobre o processo de pesquisa: grupos focais com monitores do Programa Mais Educação**

### COMUNICAÇÃO

*Maura Penna*

*Universidade Federal da Paraíba – maurapenna@gmail.com*

**Resumo:** Com base no processo que vem sendo desenvolvido na pesquisa *A Música no Programa Mais Educação em Escolas Públicas da Grande João Pessoa*, apresentamos uma discussão sobre o trabalho com grupos focais como técnica de coleta de dados. Suas características básicas são a não diretividade e o caráter interativo dos dados produzidos. Examinamos os aspectos a serem considerados para a organização dos grupos e os procedimentos para transcrição. Concluímos apontando a potencialidade dessa técnica e a necessidade de constante reflexão sobre os procedimentos adotados.

**Palavras-chave:** Pesquisa em educação musical. Grupo focal. Programa Mais Educação.

#### **Thoughts on Research Process: Focus Groups with Monitors of “Mais Educação” Program**

**Abstract:** Based on the process that has been developed in the research entitled *Music in the “Mais Educação” (More Education) Program in Public Schools of João Pessoa*, we present a discussion about focus groups as a technique for gathering data. Their basic features are the non-directivity and the interactive nature of the produced data. We examine aspects to be considered for the organization of the groups and for transcription procedures. We conclude indicating the potential of this technique and the need of constant reflection on the procedures adopted.

**Keywords:** Research in music education. Focus group. “Mais Educação” Program.

### **1. Introdução: pesquisas sobre música no Programa Mais Educação**

Esta comunicação apresenta uma discussão sobre o trabalho com grupos focais como técnica de coleta de dados, com base no processo que vem sendo desenvolvido na pesquisa *A Música no Programa Mais Educação em Escolas Públicas da Grande João Pessoa*<sup>1</sup>. Essa pesquisa visa compreender os processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos nas oficinas de música do Mais Educação, programa do Governo Federal que se propõe a induzir a educação integral, promovendo a ampliação da jornada escolar através do oferecimento de diversas atividades, inclusive musicais.

O Programa Mais Educação (ME) foi instituído através de uma portaria interministerial em 2007 (BRASIL, 2007) e regulamentado através de decreto no início de 2010 (BRASIL, 2010), tendo por objetivo contribuir para a implantação das escolas de tempo integral no país. O programa é coordenado pelo Ministério da Educação, em parceria com secretarias de educação em âmbito estadual ou municipal, tendo alcançado uma rápida expansão no país e envolvendo um grande montante de recursos. Segundo a edição de 2013 do documento *Programa Mais Educação: passo a passo*: “participam da adesão ao Mais Educação [em 2012] 32.074 escolas, com a perspectiva de chegar a 45.000 em 2013. Até



2014, a previsão é que o Programa Mais Educação esteja em todo território nacional, chegando a 60.000 escolas” (BRASIL, 2013: 5).

À medida que o ME se consolidava, também crescia o número de estudos sobre o programa em diversos níveis acadêmicos, especialmente na área de educação/pedagogia (cf. PENNA, 2014: 86-87). Entretanto, particularmente sobre as atividades musicais desenvolvidas, além das pesquisas produzidas por nosso grupo, encontramos apenas os textos de Sobczack (2013), Souza (2013), Pereira (2014) e Silva (2014), já que Veber (2012) investigou uma Escola Pública Integrada da rede estadual de Santa Catarina, com funcionamento distinto e sem relação com o programa<sup>2</sup>. Evidencia-se, portanto, a relevância de ampliar as pesquisas sobre as práticas educativas e musicais desenvolvidas pelo ME, tendo em vista que oferece perspectivas para a ampliação do espaço para a música nas escolas.

Assim, com vistas a descrever e analisar as concepções, estratégias, situações e processos de ensino e aprendizagem que caracterizam diversas oficinas de música desenvolvidas através do ME em escolas públicas da Grande João Pessoa, nossa pesquisa (acima referida) articula a análise de documentos relativos ao programa à realização de estudos de caso múltiplos – com coleta de dados através da observação da prática pedagógica e entrevistas semiestruturadas com os diversos agentes envolvidos<sup>3</sup>. Combina-se ainda a esses estudos de caso a realização de grupos focais com os monitores responsáveis por oficinas de música no ME, com o objetivo específico de analisar suas vivências e concepções.

Estudos já desenvolvidos por nosso grupo de pesquisa sobre as oficinas de música promovidas pelo programa têm apontado a grande influência, sobre as práticas desenvolvidas, das concepções dos monitores – sobre a educação integral, a função da música na educação, as manifestações musicais que devem ou não ser trabalhadas na escola, dentre outras (cf. PENNA, 2014). Sendo assim, consideramos ser extremamente pertinente a articulação da pesquisa de campo desenvolvida através dos estudos de caso múltiplos com a realização de grupos focais com os monitores para conhecer como os mesmos vivenciam as atividades do ME e as propostas do programa. Pois, segundo Gatti (2005),

O trabalho com grupos focais permite compreender [...] práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se numa importante técnica para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. (GATTI, 2005: 11)

A proposta de coletar dados através de grupos focais, que visava ampliar o âmbito de nossa coleta, mostrou-se mais desafiadora do que inicialmente concebido na elaboração do

projeto, com base em leituras sobre esta metodologia. Deste modo, apresentamos aqui uma discussão a respeito desta técnica, refletindo sobre o processo da pesquisa, que se encontra em andamento. No entanto, em função dos limites deste trabalho, não é possível apresentar uma análise de parte dos dados obtidos.

## **2. Trabalhando com grupos focais: objetivos e diretrizes básicas**

Um grupo focal diferencia-se de uma entrevista coletiva, sendo uma proposta de troca efetiva entre os participantes, de modo que os dados são produzidos em situação de interação, sendo importante levar em conta “essa dinâmica e a negociação social das visões individuais” (FLICK, 2004: 131). Assim, as sessões dos grupos focais pretendiam encorajar uma conversação aberta sobre a experiência no ME, produzindo dados gerados na dinâmica interacional do grupo, seguindo o princípio da não diretividade:

Os participantes devem sentir-se livres para compartilhar seus pontos de vista, mesmo que diverjam do que os outros disseram. A discussão é totalmente aberta em torno da questão proposta, e todo e qualquer tipo de reflexão e contribuição é importante para a pesquisa. (GATTI, 2005: 11)

A não diretividade, enfatizada por diversos autores, marca a atuação do moderador da sessão de grupo focal, a quem cabe, basicamente: introduzir o assunto, garantir que todos tenham a oportunidade de participar e que não se afastem muito do tema, além de controlar o uso do tempo, sendo todo o processo conduzido com bastante flexibilidade (GATTI, 2005: 29-34; BARBOUR, 2004: 135-147). Assim, como indica Flick (2004: 130), as intervenções para o direcionamento do processo do grupo, as ações para a condução da sessão “só podem ser planejadas de forma aproximada e grande parte das decisões [...] podem ser tomadas apenas durante a situação”.

Buscando centrar a sessão do grupo focal na interação entre os participantes, adotamos princípios apontados por Szymanski (2004) para a entrevista reflexiva, especialmente com respeito à questão desencadeadora, que, como ponto de partida para a fala dos participantes, precisaria focalizar o ponto que se quer estudar, mas sendo ampla o suficiente para que pudessem escolher por onde queriam começar (p. 27). Neste sentido, de acordo com os objetivos da pesquisa, adotamos duas questões desencadeadoras: (i) como tem sido sua experiência como monitor no ME? (ii) como vocês veem o programa ME? Essas questões poderiam ser desdobradas com pedidos de esclarecimento, aproveitando o desenrolar das discussões no grupo para procurar estimular a abordagem de pontos que interessavam especialmente à pesquisa, como as dificuldades enfrentadas, as práticas desenvolvidas, as

relações com os alunos, com os demais agentes do programa e com outros membros da comunidade escolar (especialmente os professores regulares da escola). O pedido de ilustrar, com o relato de um acontecimento específico, questões referidas de modo genérico buscava incentivar a apresentação de experiências pessoais e propiciar dados mais concretos.

Neste ponto, cabe lembrar, como argumenta Penna (2015: 113), que sempre “trabalhamos com os dados possíveis, sendo fundamental estar conscientes das limitações de nossas fontes de dados e nossas técnicas de coleta, o que condiciona a nossa capacidade de conhecer”. Assim, pelo caráter do grupo focal, algum participante pode, eventualmente, fazer declarações que não faria em uma entrevista individual, de modo que não podem ser tratados como indivíduos isolados, pois estão engajados em uma conversação, sendo necessário considerar como o significado é construído na interação entre os diversos participantes, incluindo aí o moderador (SILVERMAN, 2009: 250). Por outro lado, é preciso considerar que o relato revela intenções e concepções, sem, no entanto, permitir analisar a prática pedagógica em si – o que exigiria a observação como principal técnica de coleta de dados<sup>4</sup>. Neste sentido, o discurso dos participantes revela como eles percebem e dão significado à própria prática, mas não se configura como uma forma de acesso direto à mesma.

### **3. Realizando grupos focais com monitores do ME**

As decisões sobre a composição dos grupos, a forma de convite, a motivação e a adesão dos participantes desejados constituem um trabalho bastante delicado (GATTI, 2005: 23). Uma das principais dificuldades era o fato de que os monitores do ME são considerados “voluntários”, recebendo apenas um ressarcimento por despesas de transportes e alimentação. Prevíamos, portanto, que poderia ser difícil conseguir engajar espontaneamente vários monitores na realização de um grupo focal, fora de seu horário habitual de atividade nas escolas. Buscando compatibilizar a diversidade de compromissos dos envolvidos, programamos as sessões de grupo focal para a tarde de sábado – oferecendo um lanche aos participantes, ao seu término –, o que já foi informado por ocasião do convite.

Considerando que muitos monitores do ME não têm estudos formais de música<sup>5</sup> e que esta diferença na formação poderia ser um potencial fator inibidor para a interação nos grupos, procuramos compor grupos de acordo com essas características: um grupo com monitores que estudam música em algum dos cursos da UFPB, um grupo com monitores com experiência musical não escolar. A única condição para que um monitor pudesse participar dos grupos planejados para 2014<sup>6</sup> era que ele tivesse, naquele ano, sido responsável por atividades musicais do ME em alguma escola pública pelo período mínimo de dois meses.

Como alguns estudos indicavam a maior adequação de grupos com seis a dez componentes, considerando a possibilidade de ausências e o fato de que só trabalhamos com quem se dispusesse espontaneamente a participar da pesquisa<sup>7</sup>, planejamos convidar de oito a dez monitores para cada sessão, de modo a garantir um quórum mínimo (cf. GATTI, 2005: 22). Antes do início de cada sessão, seria aplicado um questionário para traçar o perfil dos participantes, buscando informações básicas sobre sua escolaridade, idade e experiência musical, com vistas a caracterizá-los.

As sessões de grupo focal seriam mediadas, preferencialmente, pela coordenadora do projeto, por seu domínio da temática. Entretanto, no caso de monitores que fossem alunos de música da universidade em que leciona, a relação hierárquica professora-aluno certamente afetaria o desenvolvimento da interação no grupo. Assim, tanto no caso da sessão planejada com monitores que estudavam na UFPB, quanto no caso da sessão piloto, a moderação ficou a cargo de uma educadora musical integrante de nosso grupo de pesquisa<sup>8</sup>. Na sessão piloto, com a participação de alunos do curso de Licenciatura em Música da UFPB com experiência como educadores musicais em projetos sociais, foram pré-testados os procedimentos de moderação, assim como o uso dos equipamentos de áudio e vídeo para o registro da sessão.

O convite para os monitores que estudavam na UFPB foi feito amplamente, com o apoio das coordenações dos cursos. O retorno foi pequeno, devido ao fato de a Licenciatura em Música ter uma carga horária pesada e, além disso, vários alunos que atuavam no ME terem abandonado a atividade de monitoria em favor da participação como bolsista no projeto do PIBID/Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Isto, combinado a outros fatores, resultou na presença, na sessão programada – realizada numa ONG no centro da cidade –, de apenas um monitor dentre os oito alunos dos diversos cursos superiores da UFPB que tinham aceitado participar, a maioria já tendo, inclusive, assinado o termo de consentimento para tal. O grupo focal transformou-se, então, em uma entrevista.

Finalmente, um grupo focal com a participação de quatro monitores (dos oito que tinham aceito o convite) de uma rede municipal da região metropolitana de João Pessoa foi realizado a partir da intermediação do maestro de uma tradicional banda dessa cidade, que estudava na UFPB, e que ajudou a estabelecer o contato com os monitores do ME que participavam da banda. E foi na sede da mesma que ocorreu a sessão de grupo focal, com a moderação da coordenadora do grupo de pesquisa, já que nenhum dos participantes era, ainda, aluno dos cursos superiores de música da universidade. Os quatro monitores presentes eram três homens, que trabalhavam com bandas, e uma monitora que dava aulas de flauta doce.

Compreendemos por experiência própria, portanto, as dificuldades envolvidas na motivação e adesão dos participantes desejados. No entanto, também é conhecida a diferença entre o projeto e o desenvolvimento da pesquisa, assim como a necessidade de flexibilidade ao longo do processo. Embora não tenhamos alcançado um número maior de participantes, como almejado, essa última sessão resultou em 1:45 horas de material gravado, rico do ponto de vista da expressão de concepções, anseios, relatos de dificuldades enfrentadas, de conquistas realizadas, revelando o percurso percorrido para que cada um se transformasse, de músico da banda, em educadores – como passaram a se perceber.

#### **4. O tratamento dos dados: o desafio da transcrição**

Uma questão bastante relevante no caso de se trabalhar com grupos focais é definir os critérios de transcrição. Mesmo com relação a entrevistas individuais, isso não é uma tarefa simples, pois, como indica Gibbs (2009: 28-29), “a transcrição é um processo interpretativo”, já que poucas pessoas “falam em prosa gramatical” – especialmente em conversas. Por suas próprias características, a fala diferencia-se da linguagem escrita, envolvendo pausas, repetições, hesitações, alongamento de vogais, etc. Deste modo, de acordo com os objetivos da pesquisa, cabe “decidir quanto daquilo que está na gravação deve ser transcrito” (GIBBS, 2009: 28). Neste sentido, considerando o conteúdo dos depoimentos mais importante do que sua forma, temos adotado, para a transcrição de entrevistas – inclusive nos estudos multicase sobre a música no ME – os critérios de empregar a ortografia padrão, respeitando as construções de frases utilizadas pelo entrevistado (cf. PENNA, 2015: 141).

Adotamos esses critérios na transcrição dos grupos focais. Mas como neles não era apenas o conteúdo que estava em foco, interessavam também, pelo menos, as interrupções e sobreposições de falas. Para registrá-las, buscamos algumas indicações nos padrões e convenções de transcrição utilizados pelos linguistas que trabalham com análise da conversação (cf. MARCUSCHI, 1986) – como, por exemplo, o uso do colchete para indicar falas sobrepostas. Também as diversas expressões não verbais – como gestos, risos, expressões corporais ou faciais – precisavam ser incorporadas na transcrição, para que fosse possível registrar o processo interativo e a própria construção coletiva de significações.

Para finalizar, apresentamos alguns trechos transcritos (que constituem dados coletados – e não ainda sua análise) para exemplificar tanto os procedimentos de transcrição, quanto a ação de moderação e o caráter conversacional dos dados produzidos. Buscamos, como recomenda Silverman (2009: 249), contextualizá-los no processo de discussão.



Os monitores (M1, M2, M3 e M4) relataram – com intervenções diversas de todos – uma atividade de formação continuada promovida pela coordenação do ME na rede. Então, a pesquisadora (P), que atuava como moderadora, procurou estimular um posicionamento a respeito e também dar um retorno de sua compreensão (cf. SZYMANSKI, 2004: 35-36):

[P – Mas vocês acham que ajudou? Que esse tipo de trabalho ajuda?

[M3 – Ajudou, ajudou..

[M1, M2 e M4 – (gestos positivos, M1 coça o nariz)

P- Então teve um mês, todo sábado, pelo menos quatro aulas para trabalhar as questões relacionadas com o comportamento dos alunos, como lidar em sala...

M1 – Isso.

Seguem-se vários relatos sobre a violência nos bairros em que trabalham. A pesquisadora procura fazer a discussão retornar às oficinas de música do ME:

P – Certo. Mas no trabalho, na sua oficina... Vocês têm maiores dificuldades com comportamento? Como é que é?

M2 – Tem...

M1 – Por incrível que pareça, a pior turma que eu tenho são os pequenos.

M4 – O meu são os adolescentes...

M2 – É.

M3 –E na minha, a maioria era mais tranquilo. Só que tinham dois que eram especiais, aí já requer mais cuidado com eles.

M2 - No meu, no meu caso não tem essa... tem, lógico, 2 ou 3 que... Não tem como não ter, não. Lá no caso, na minha área aqui, são mais meninas... Nem tanto os meninos, porque...

P – Meninas dão trabalho?

M4 – Dá, e muito...

M2 – As meninas? É impossível demais... Então a gente tem que estar ali acho que praticamente 24 horas: "caramba, não pode, não pode!" E os meninos não, quando a gente "olhe, não pode" (faz gesto de problema resolvido). Aí eles já obedecem.

Podemos concluir, nos limites desse trabalho, que a técnica de grupo focal é bastante produtiva para a pesquisa qualitativa, apesar de apresentar dificuldades de operacionalização, que requerem a busca de alternativas, acompanhada de uma contínua reflexão sobre os procedimentos adotados.

## Referências:

BARBOUR, Rosaline. *Grupos focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. *Portaria Normativa Interministerial nº 17, de 24 de abril de 2007*. Institui o Programa Mais Educação. Disponível em: <http://goo.gl/6ZCr4k> Acesso em 27 maio 2010.

BRASIL. *Decreto 7.083, de 27 de janeiro de 2010*. Dispõe sobre o Programa Mais Educação. 2010. Disponível em: <http://goo.gl/WGY9wg> Acesso em: 25 maio 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Programa Mais Educação: passo a passo*. [2. ed.] Brasília, 2013.



- GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro, 2005.
- GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- PENNA, Maura. Música no Programa Mais Educação: discutindo a diversidade das práticas. *Música Hodie*, Goiânia, v. 14, n. 2, 2014, p. 84-98. Disponível em: <http://goo.gl/RmuimV> Acesso em: 5 abr. 2015.
- PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em música e educação*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PEREIRA, Enner Jefferson Dias. *Oficina de violão no Programa Mais Educação: o envolvimento de três alunos de uma escola regular de Ipatinga – MG*. 2014. 37 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Música à Distância, Universidade de Brasília, Ipatinga, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10483/9926> Acesso em: 20 mar. 2015.
- SILVA, Oziel Cardaso da. *Perspectivas e desafios para o ensino de música no Programa Mais Educação: um estudo em Natal/RN*. 2014. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes na Educação Básica: Música), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <http://goo.gl/YmsD5i> Acesso em 17 abr. 2014.
- SILVERMAN, David. *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SOBCZACK, Nara Rejane. *A música abrindo caminhos: oportunidades formativas a partir do Programa Mais Educação*. 2013. 16 f. Artigo (Trabalho de conclusão de especialização) – Curso de Especialização em Educação Integral Integrada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <http://goo.gl/04e71g> Acesso em: 20 mar. 2014.
- SOUZA, Sinára Ferreira de. *A música e as aprendizagens dos alunos: um estudo em educação integral*. 2013. 17 f. Artigo (Trabalho de conclusão de especialização) – Curso de Especialização em Educação Integral Integrada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <http://goo.gl/jykcus> Acesso em: 20 mar. 2014.
- SZYMANSKI, Heloísa (Org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro, 2004.
- VEBER, Andréia. A escola de tempo integral: um espaço potencial para as aulas de música na educação básica. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 20, n. 29, p.23-38, jul.-dez. 2012.

## Notas

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq através do Edital Universal 14/2013, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa *Música, Cultura e Educação*, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob nossa coordenação.

<sup>2</sup> Na escola pesquisada, todas as atividades oferecidas faziam parte do currículo integrado, de modo que as aulas de música estavam a cargo de uma professora da rede com formação específica (VEBER, 2012: 41-42).

<sup>3</sup> O(s) coordenador(es) do ME na rede de ensino e, na escola, o diretor e o professor comunitário, responsável pela coordenação das atividades do programa, além dos monitores responsáveis pelas oficinas de música.

<sup>4</sup> A esse respeito, ver Penna (2015, cap. 11).

<sup>5</sup> Como as pesquisas de nosso grupo têm revelado (cf. PENNA, 2014).

<sup>6</sup> As sessões de grupos focais ocorreram em setembro e outubro de 2014.

<sup>7</sup> Seguindo os princípios de ética na pesquisa, todos os participantes dos grupos focais, inclusive do grupo que participou do pré-teste dos procedimentos de moderação, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participar da pesquisa e dando sua permissão para que as sessões fossem gravadas em vídeo.

<sup>8</sup> Nessas sessões, atuou como moderadora Jaqueline Alves da Silva, que na ocasião participava do grupo de pesquisa, a quem agradecemos a contribuição. Agradecemos ainda a Bruno Torres, Eliane Mendes e Plínio Paludetto – que atuaram nas sessões, encarregando-se de questões técnicas (manuseio dos equipamentos) ou operacionais – e a Ian Linhares e Olga Barros, que trabalharam na transcrição do material.